



CABEÇA DE ESTUDO

(De Viriato Silva)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.

Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 125

Braga, 20 de novembro de 1916

Anno III

Ornamentos d'Egreja da Casa Estrella

Officinas d'Esculptura e Talha Religiosa, em madeira, marfim e massa (Fundada em 1874)

Peça o nosso catalogo illustrado com 143 gravuras. (Pede-se uma visita ás nossas officinas e depositos de vendas)

Aos nossos trabalhos foram concedidos os mais altos premios nas exposições
Industriaes Portuguezas de 1887 e 1897



Depositos de imagens, oratorios, castiças, ramos, custodias, calix, lampadas, lustres, etc. etc.
e de todos os objectos do culto divino desde os mais simples aos mais luxuosos

A CASA ESTRELLA é a fornecedora das principaes casas congeneres no estrangeiro

Specimen de uma esculptura em madeira executada nas nossas officinas

PORTO — Rua do Bomjardim, 85 a 89 e Rua de Santo Antonio, 59 a 63

GUARDA = Representante e depositario — CASA SUCENA
Rua Heliodoro Salgado

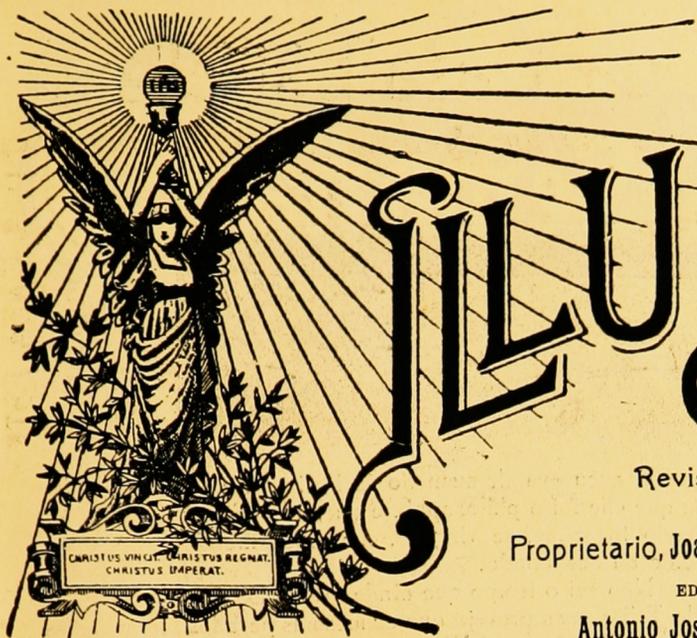


ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

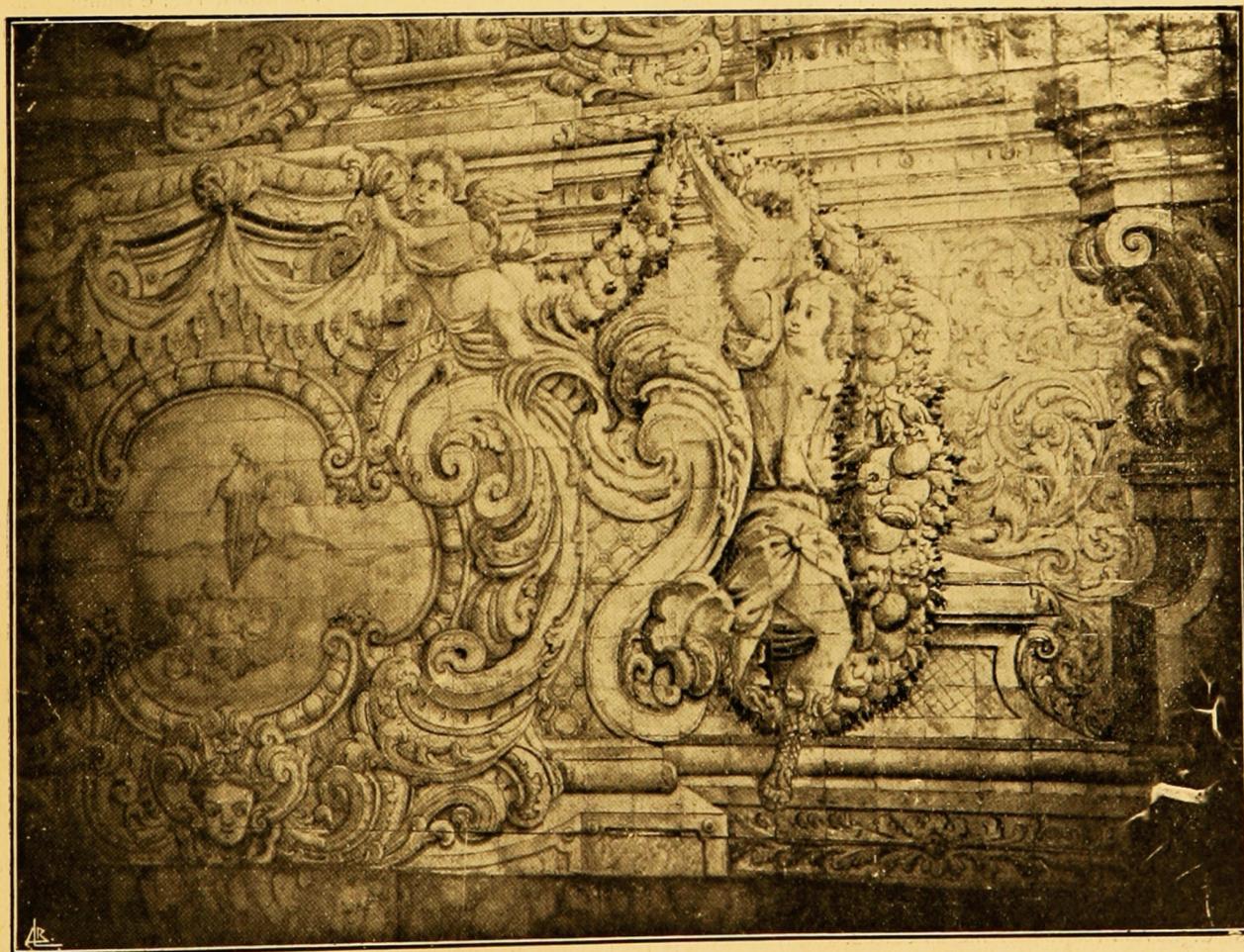
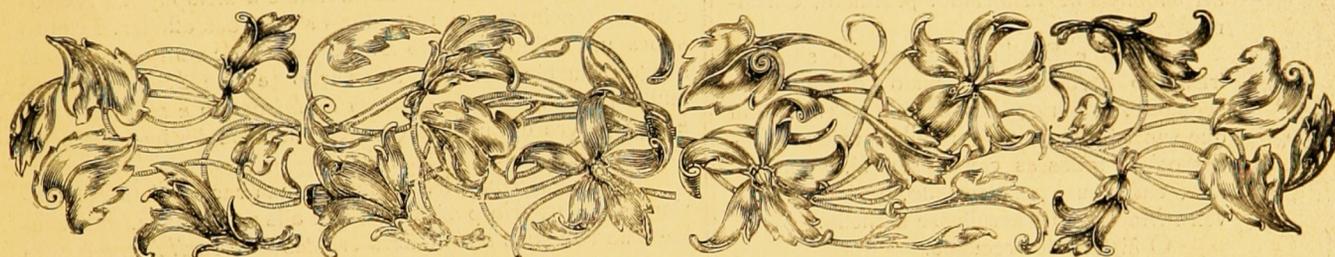
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 20 de novembro de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 125—Anno III



BRAGA ARTISTICA—Azulejos da egreja do Populo, pintados pelos celebres irmãos Oliveiras

(Photos. de Viriato Silva)



Chronica da Semana



Bruno

HA annos, logo depois do 31 de janeiro, Bruno, Bazilio Telles e Emydio d'Oliveira, que andavam com o lampião de Diogenes, á cata de um chefe para o partido republicano, dirigiram-se áquella *thebaida das Aguas Férreas*, no Porto, onde morava com os seus livros e as suas visões arrombantes de historiador profundo, Oliveira Martins.

Bruno e Bazilio expuzeram a situação triste do partido, o desanimo corroendo os sequazes, o perigo das deserções em massa que succede inevitavel e regularmente aos fracassos de todas as causas sem fé, e concluíram, cada qual por seu lado, pedindo a Oliveira Martins que accitasse a chefia.

O historiador recusou.

Emydio d'Oliveira, então, perguntou-lhe se não acreditava na vinda, na implantação da republica.

— Acredito, respondêra Oliveira Martins. Virá e mais cêdo do que muitos pensam e julgam. Mas a republica ha-de passar por trez phazes: o periodo revolucionario, a anarquia e... o dominio de S. M. Affonso XII de Hespanha!... Não acceto.

José Sampaio (Bruno) contava ha pouco ainda este episodio a um amigo:

Ora vê lá como aquelle homem que conhecia bem *tudo isto*, teve a completa visão das coisas! rematava.

E entrou a fazer a contra-prova do vaticinio do auctor do *Portugal Contemporaneo*.

Reproduzo o que me contaram. Tenho a certeza de que o pensamento de Bruno foi aquelle. Os pormenores do episodio ahi ficam sujeitos ás rectificações dos coetaneos.

Eu recordei-o bem outro dia no cemiterio, entre a massa dos ouvintes do discursello acaciano do sr. ministro do fomento, vendo que a meu lado um individuo lia um artigo do *Mundo* em que se juntavam na *mesma* homenagem as memorias tão diversas e antinomicas de França Borges e de José Sampaio,

vendo que aquelles mesmos que forçaram Bruno a callar-se no *Diario da Tarde* e arremessaram Antonio Claro para o exilio, vinham com piedade fingindo prender ás fitas d'uma futil corôa funeraria (cujas enormes dimensões trahiam a enorme sentimentalidade do governo) um exemplar d'aquelle volume de Bruno, chamado *Notas do exilio*, em que elle recordou a vida de tortura de muitos que, depois do 5 d'outubro, nem se dignavam responder-lhe ás cartas.

Bruno queixava-se, por exemplo, do esquecimento de José Barbosa, um dos grandes tubarões do regimen, e do de Manuel d'Arriaga.

Bruno emigrou sob a republica como emigrára sob a monarchia, mas esta quiz honrar-lhe o talento e o estudo e aquella, depois de o metter na Bilblioteca (onde ha muito, elle devêra estar) sujeitou-o aos ladridos da turba estúpida,

que o accusava de suspeito ás instituições de que elle foi o philosopho, e que, não podendo tocar-lhe, se vingava, chamando-lhe doído ou despeitado.

Não sei o tempo que ainda viverá Bazilio Telles, mas prevejo que as mesmas paradas lacrimijantes que os detractores, de Bruuo agora formaram, hão-de repetir-se deante do seu cadaver...

Bruno era, dentro dos correntes democraticas, uma figura de reiêvo. Sob o ponte de vista religioso era um atheu a quem as considerações de Comte e a metaphysica revolucionaria ensinaram a respeitar as opiniões alheias. Lembro agora um artigo d'elle no *Diario da Tarde* em que combatia sangrentamente a lei de separação (a que dava um nome muito parecido ao de *diploma de latrocinio* e affirmava que a Igreja era e é uma força social importantissima que seria loucura e crime tentar destruir.

Philosophicamente, Bruno era um racionalista com variantes. O proprio positivismo que aliaz perfilhava, mereceu-lhe uma das suas mais felizes criticas no *Brazil Mental*, obra de largo fôlgo que, como em outros livros, é immensamente prejudicada pela arvezada linguagem anti-didactica que usava.

Aquella característica de tolerancia, porém, é que o tornou geralmente sympathico, e todos admiravam a timida bondade de Bruno, assim como todos exprobaram a cobardia de Affonso Costa ha annos, batendo-lhe a elle um velho e um fraco. Verdade é que o sr. dr. Affonso Costa salvou do ridiculo ultrajante a manifestação dos republicanos militantes a José Sampaio, pois que não appareceu o seu nome na massa dos sentidos com a (morte d'elle) nem mandou Urbano, o plenipotenciario chronico do chefe democratico, a represental'o no enterro. Fez bem.

Sampaio nunca viu a actual ordem de coisas com bons olhos. Fallar-lhe n'ella era ouvir-lhe logo, em catadupa, uma serie de sarcasmos confudentes.

D'uma vez, quando se trabalhava na formação do governo provisorio fallou-se n'ella para ministro.

Alguem, creio que Emydio d'Oliveira, alludiu ao caso.

— Ora! respondeu Bruno n'aqualla voz fina que a sua obesidade desmentia.

Ora, ora! pois não vês?

Primeiro preciso d'um fato!...

Se a encyclopédica sabença dos governos produzia grossa folice ou revoltante violencia e elle encontrava um seu antigo condiscipulo e antigo professor, dizia-lhe sorrindo:

— Parabens! Muitos parabens!

— Porquê?

— Não tarda ahi o teu rei Manélsinho!...

Eu creio dar n'estes leves traços toda a personalidade de Bruno...

Durante a semana, a sua morte, foi, no Porto e no paiz, o caso dominante. E vem aqui no fim da chronica, lembrar que aquelle republicano honrado, ainda depois de morto fez fugir dos meios de cavaco... a figura do sr. Abel de Pinho, lendo um discurso ao sr. Bernardino Machado, presidente por obra e graça do 14 de maio, em nome da... magistratura portugueza!...

F. V.



A neutralidade Roumena



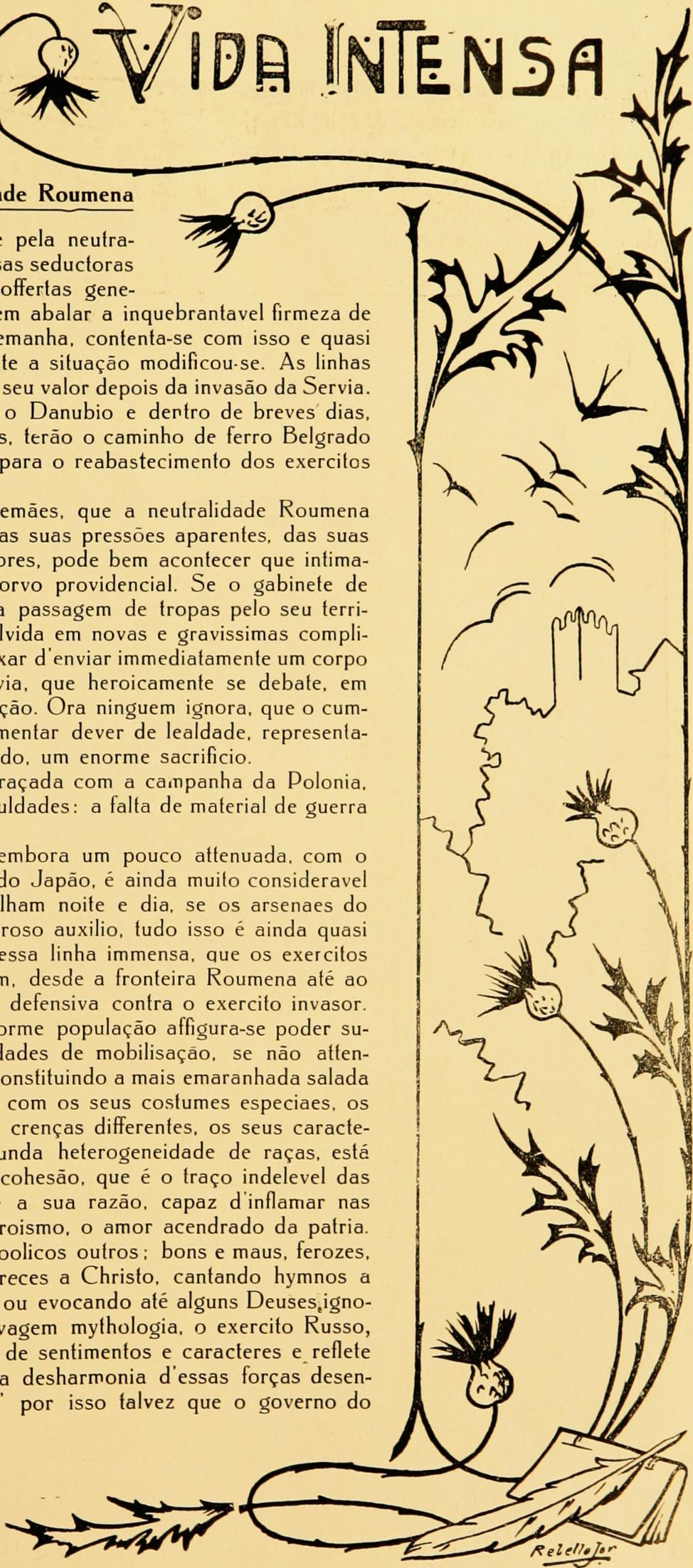
Roumania obstina-se pela neutralidade. As promessas sedutoras da Inglaterra, as offeras generosas da Russia, não conseguem abalar a inquebrantavel firmeza de Bucarest. Por seu turno a Allemanha, contenta-se com isso e quasi não faz pressões. Evidentemente a situação modificou-se. As linhas ferreas Roumenas, perderam o seu valor depois da invasão da Servia. Os imperios centraes tem já o Danubio e dentro de breves dias, feitas as necessarias reparações, terão o caminho de ferro Belgrado — Nisch-Sofia-Constantinopla para o reabastecimento dos exercitos do Sultão.

Não é pois aos austro-allemaes, que a neutralidade Roumena inquieta. Os Russos apesar das suas pressões aparentes, das suas offeras, dos seus bellicos furores, pode bem acontecer que intimamente rejubilem com esse estorvo providencial. Se o gabinete de Bucarest tivesse consentido na passagem de tropas pelo seu territorio, a Russia estaria já envolvida em novas e gravissimas complicações, porque não poderia deixar d'enviar immediatamente um corpo d'exercito, em auxilio da Servia, que heroicamente se debate, em tão afflictiva e angustiosa situação. Ora ninguem ignora, que o cumprimento inadiavel d'esse rudimentar dever de lealdade, representaria para o governo de Petrogrado, um enorme sacrificio.

A Russia seriamente embaraçada com a campanha da Polonia, lucta com duas enormes dificuldades: a falta de material de guerra e a falta d'unidade nacional.

A escassez de munições embora um pouco attenuada, com o auxilio dos Estados Unidos e do Japão, é ainda muito consideravel e se as fabricas russas, trabalham noite e dia, se os arsenaes do Mikado lhe fornecem um poderoso auxilio, tudo isso é ainda quasi nada para as necessidades d'essa linha immensa, que os exercitos imperiaes bravamente sustentam, desde a fronteira Roumena até ao golfo de Riga, n'essa heroica defensiva contra o exercito invasor.

Por outro lado, a sua enorme população affigura-se poder superar ainda todas as necessidades de mobilisação, se não attendermos a que essa população constituindo a mais emaranhada salada ethnica, que se pode emaginar com os seus costumes especiaes, os seus habitos proprios, as suas crenças diferentes, os seus caracteres tão diversos, na sua profunda heterogeneidade de raças, está longe de possuir essa natural cohesão, que é o traço indelevel das nacionalidades, a sua força e a sua razão, capaz d'inflamar nas almas, o desvairamento do heroismo, o amor acendrado da patria. Indolentes uns, misticos, alcoolicos outros; bons e maus, ferozes, generosos, crueis, erguendo preces a Christo, cantando hymnos a Jehovah, louvores a Mahoma, ou evocando até alguns Deuses; ignorados d'alguma ingenua e selvagem mythologia, o exercito Russo, soffre d'esse extranho choque de sentimentos e caracteres e reflete na sua expressão d'unidade, a desarmonia d'essas forças desencontradas e perturbadoras. E' por isso talvez que o governo do



Czar intimamente rejubile com a neutralidade Roumena, porque poderá poupar-se novo sacrificios. A não ser, que os alliados impuzessem a passagem pela força. Mas isso, seria crear um novo inimigo e o momento, francamente, não corre propicio a inimizades.

Afinal a neutralidade da Roumania se não agrada em absoluto a todos, no fundo positivamente não desagrada a nenhum...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



A' memoria de Dona Anna Elvira de Freitas

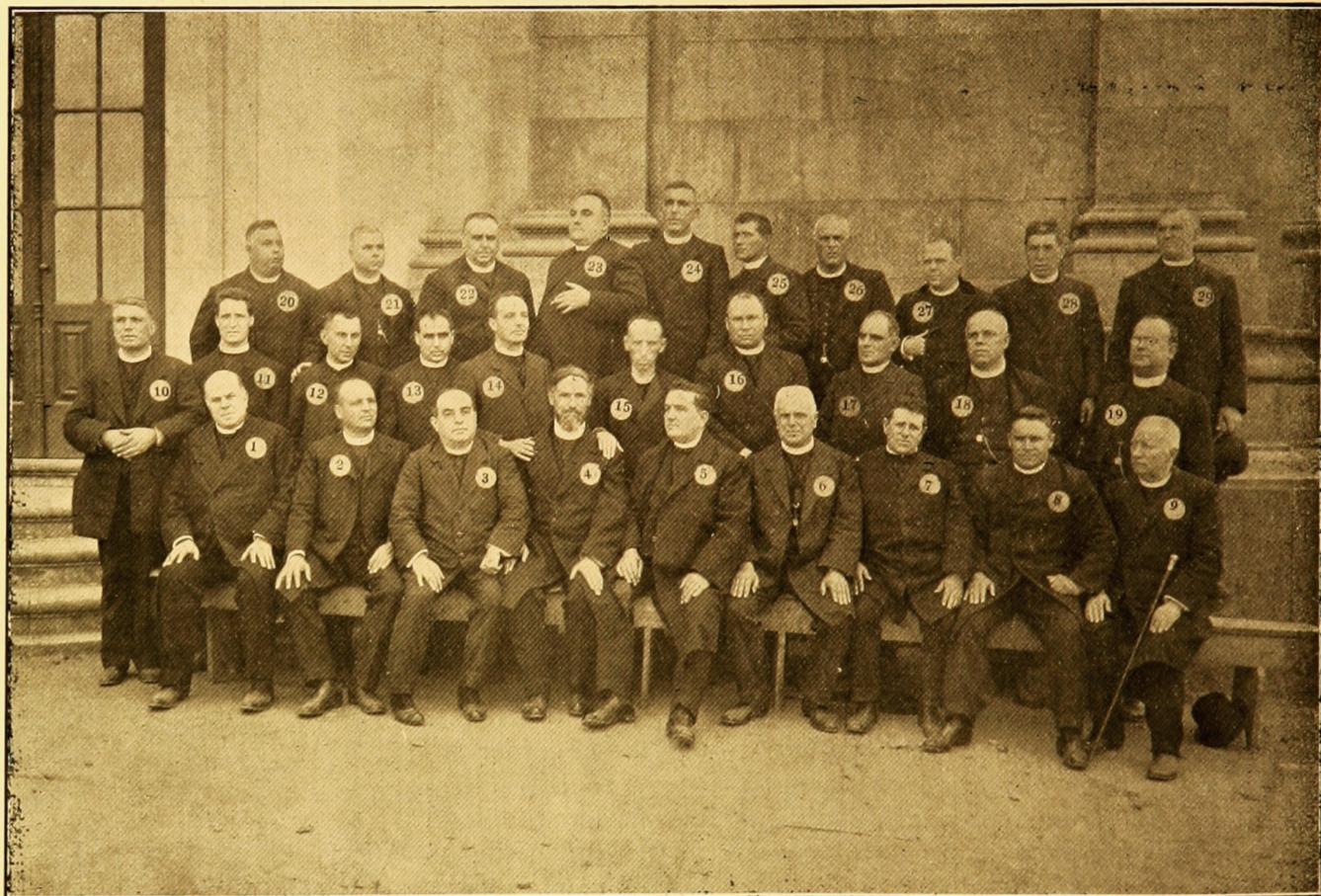


*Foi prodiga, contigo, a natureza!
Formou-te bella, espirituosa, bôa:
Dos ditos teus, da tua gentileza
Ainda a fama pelo mundo sôa.*

*Morreste, e já dos ceus, da eterna aurora,
Onde eu presinto que tua alma habita,
De mim te lembra, e a nosso Deus implora
A paz, a graça da minh'alma afficta.*

3-IV-II

ZULMIRA DE MELLO.



BODAS DE PRATA

(Cliché da Phot. Alliança)

Do Curso do 3.º anno de Theologia do Seminario de Braga em 1889-1890 celebrado no Sanctuario do Sameiro em 1 de Setembro de 1915.

- 1, Francisco Antonio Saraiva Brandão; 2, Francisco Joaquim Pereira Quintella; 3, Gaspar Roriz; 4, Manuel Antonio Gomes Himalaya; 5, Dr. Antão José d'Oliveira; 6, Antonio José de Carvalho; 7, Alfredo José da Silva Machado; 8, Antonio Joaquim Soares Borlido; 9, Antonio Gomes d'Amorim; 10, Alexandre Alves da Silva; 11, Albino José Ferreira; 12, Manuel Alves Torres Carneiro; 13, José Joaquim Fernandes Affonso; 14, Damião Martins; 15, Candido M. Boaventura Rodrigues; 16, Manuel Bento Gomes; 17, Antonio José d'Oliveira; 18, José Affonso Vicita; 19, João Thomaz da Costa; 20, José Antonio Vieira Leitão; 21, Antonio da Silva; 22, José Martins Gonçalves da Silva; 23, João Antunes Gomes; 24, Manuel José Rodrigues; 25, Dr. Thomaz Felgueiras; 26, Joaquim Ferreira do Souto; 27, João de Paula Pereira de Mesquita; 28, Albino de Jesus Baptista de Brito; 29, José Affonso de Carvalho Junior.



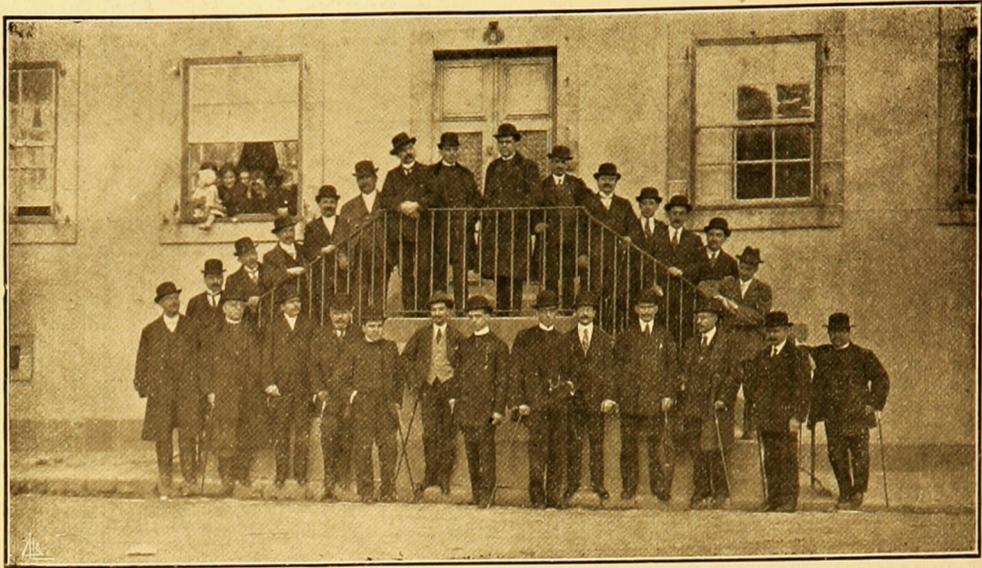
F A C T O S



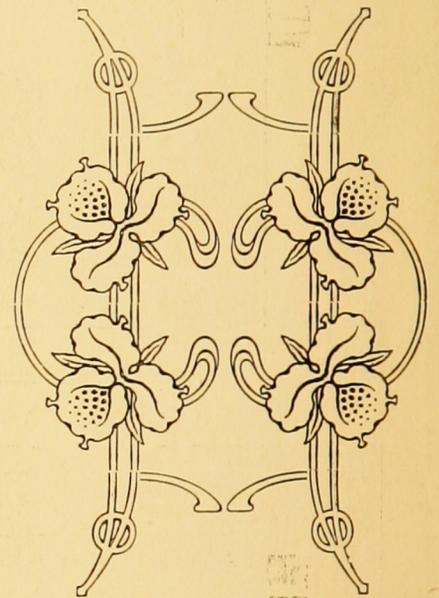
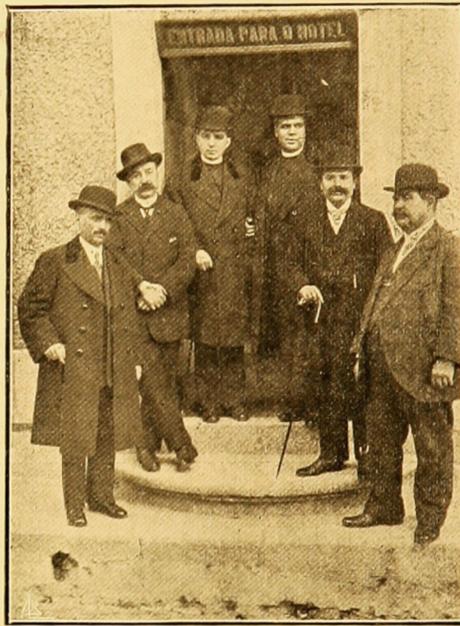
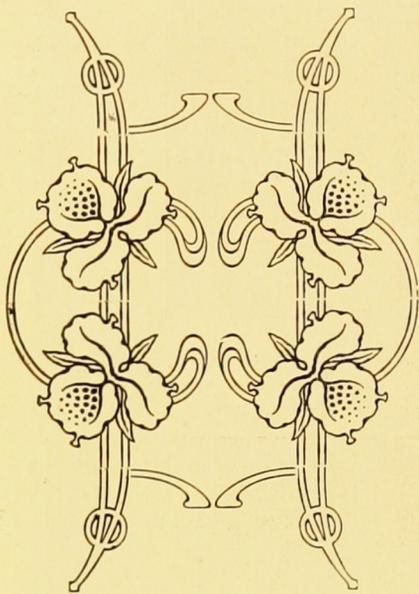
PORTO—Jantar oferecido por um grupo de catholicos aos insignes parlamentares catholicos Padre Silva Gonçalves e dr. Castro Meyrelles



DURANTE O JANTAR—Na presidencia o Senador Padre Si'va Gonçalves, tendo à sua esquerda o Deputado dr. Castro Meyrelles



Depois do jantar. Os convidados



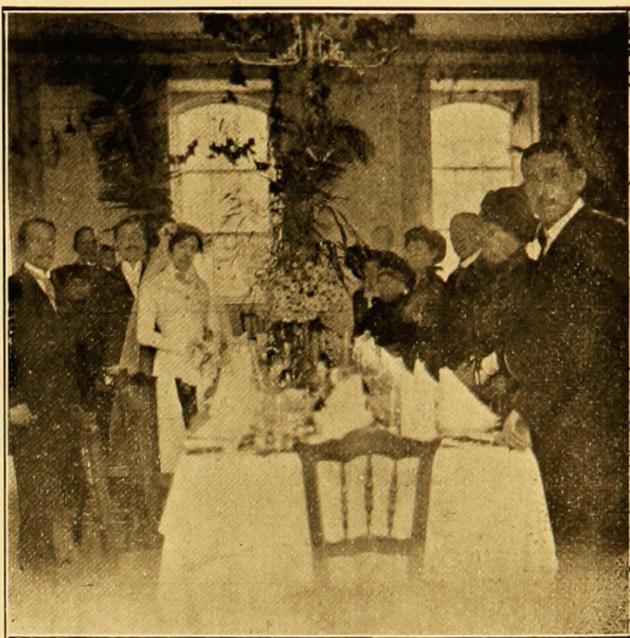
Os snrs. Padre Silva Gonçalves e dr. Castro Meyrelles, juntamente com a comissão organizadora da carinhosa festa dedicada a S. Ex.^{as}



Egreja parochial de Gavião (Famalicão) onde se deu um successo extraordinario; o apparecimento de uma imagem de N. Senhora sob a Hostia, durante a Adoração Eucharistica, a que a imprensa se referiu e sobre o qual pende a inquirição necessaria



Os noivos sahindo da egreja

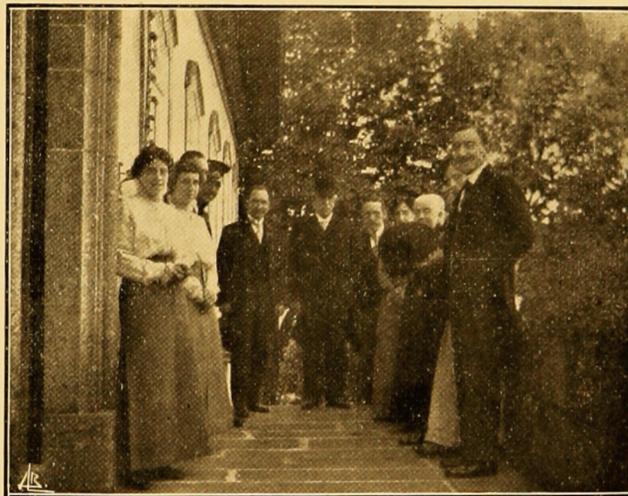


No começo do almoço

Casamento illustre

Celebrou-se no dia 21 do corrente, na parochial do Luso—Bussaco, o da exc.^{ma} sr.^a D. Maria do Carmo de Menezes Bourbon, extremosa filha do nosso querido amigo e illustre escriptor snr. José de Azevedo e Menezes e da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Julia Falcão Pinheiro de Azevedo e Menezes, da casa do Vinhal, com o snr. Dr. Azi Ferreira de Moura Cruz, intelligente e considerado conservadorem Transoso.

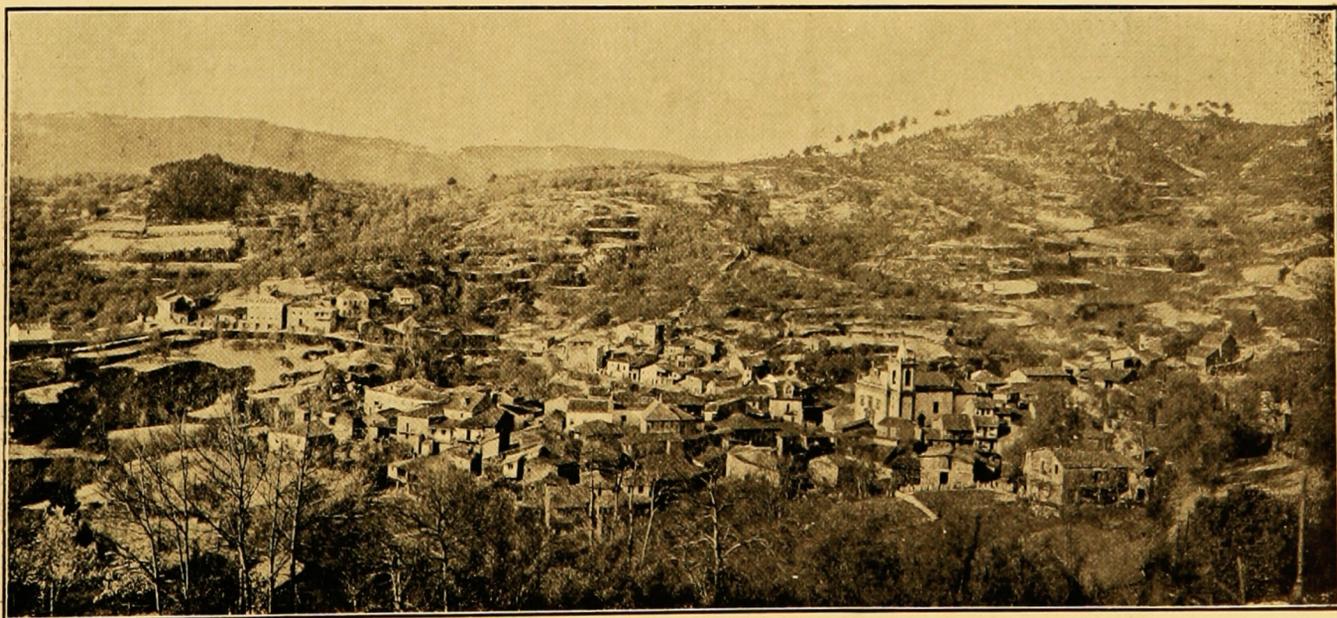
A' cerimonia religiosa assistiram apenas os parentes



No solar da familia da noiva

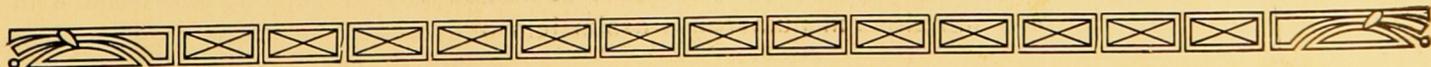
mais proximos dos nubentes, sendo padrinhos do sr. dr. Azi Cruz o seu irmão snr. dr. Alphieu Policarpo Ferreira e Cruz, meretissimo juiz de direito em Villa Franca, e sua exc.^{ma} esposa snr.^a D. Maria dos Prazeres Teixeira de Souza da Silva Alcoforado (Villa Pouca).

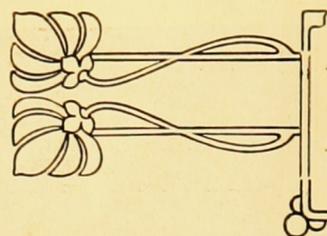
Presidiu ao acto o rev. e exemplar Parocho de Luso, Francisco dos Santos Branco, que fez uma eloquente allocução aos noivos e celebrou a missa apropriada para elles, Uma distincta dama do Luzo tocou o orgão e cantou bellamente a Avé-Maria.



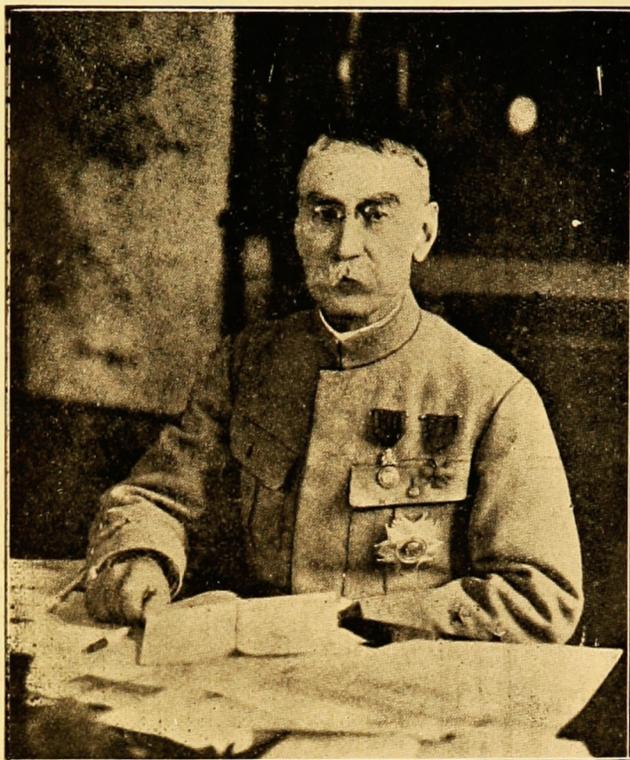
Uma vista da freguezia de S. Gião

A egreja que se destaca está hoje em ruinas. Alguns catholicos d'aquella freguezia vão em breve abrir uma subscripção para acudir ao desmoronamento completo d'aquella egreja





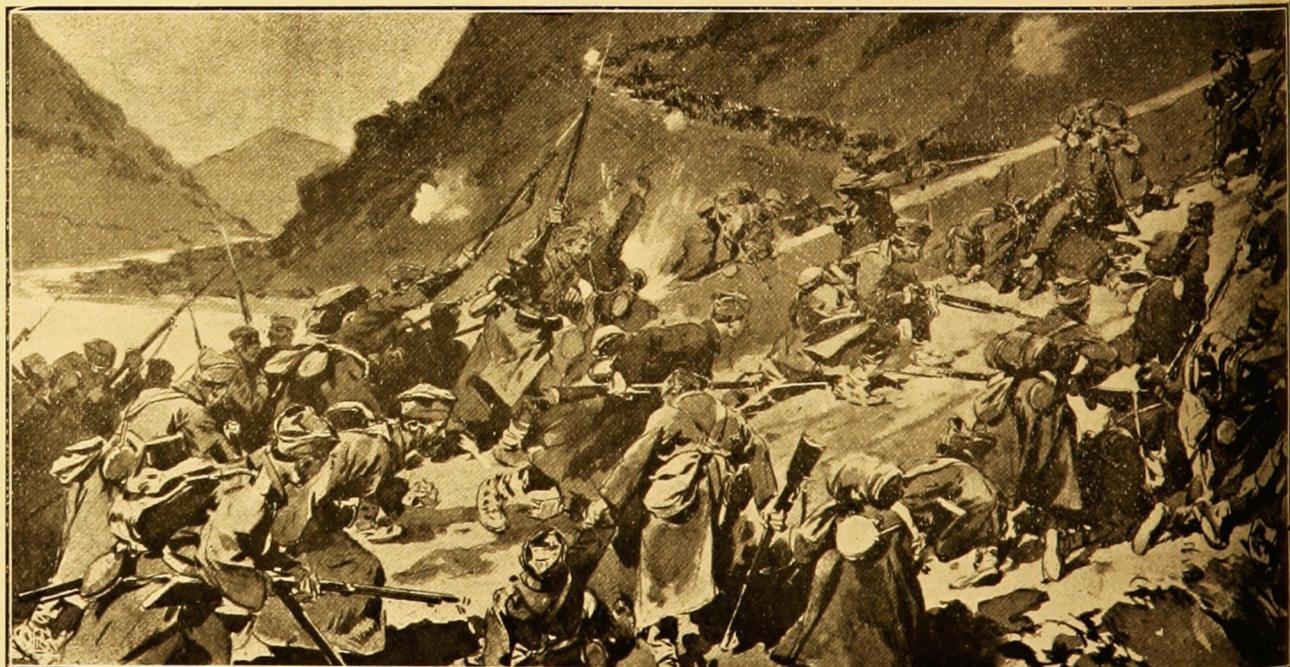
A Guerra



General Gallieni, novo ministro da Guerra, em França

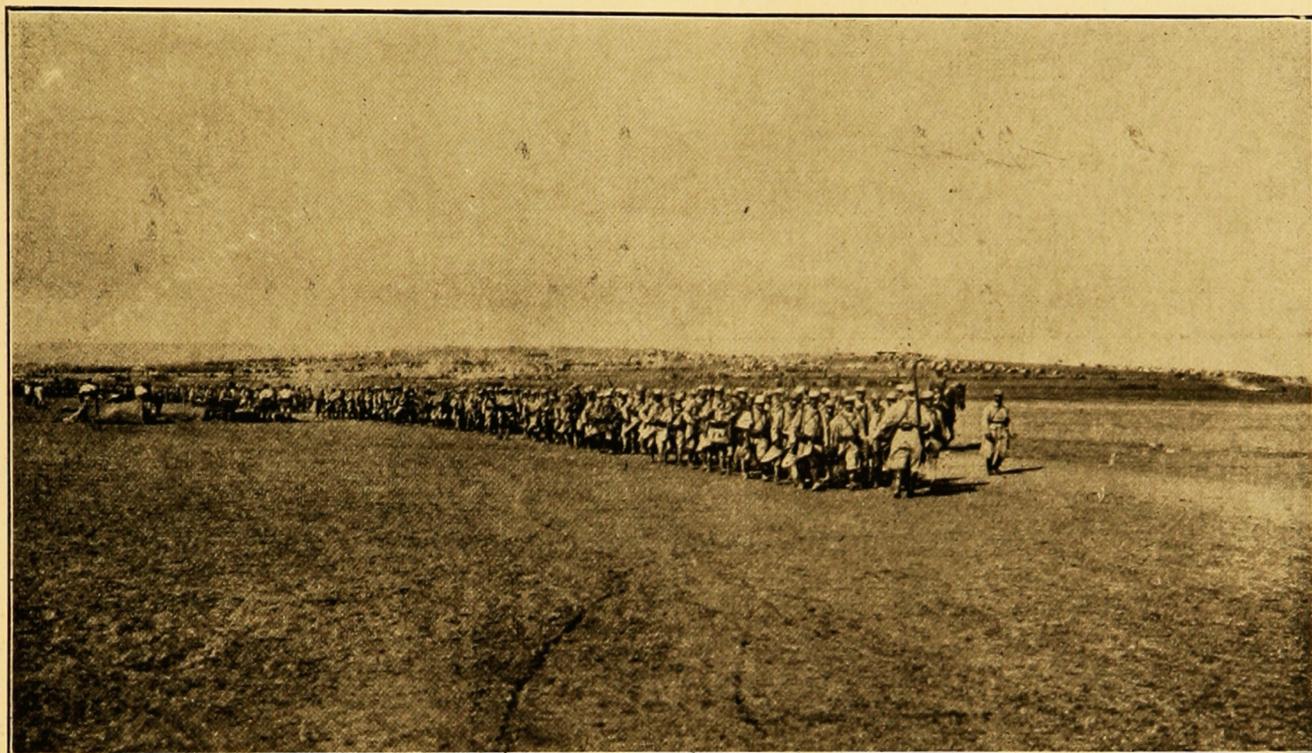
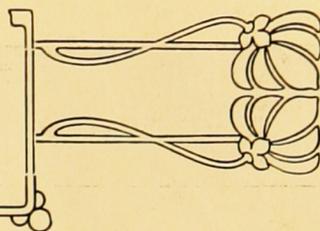


Marechal Von Mackensen, que se encontra actualmente nos Balkans

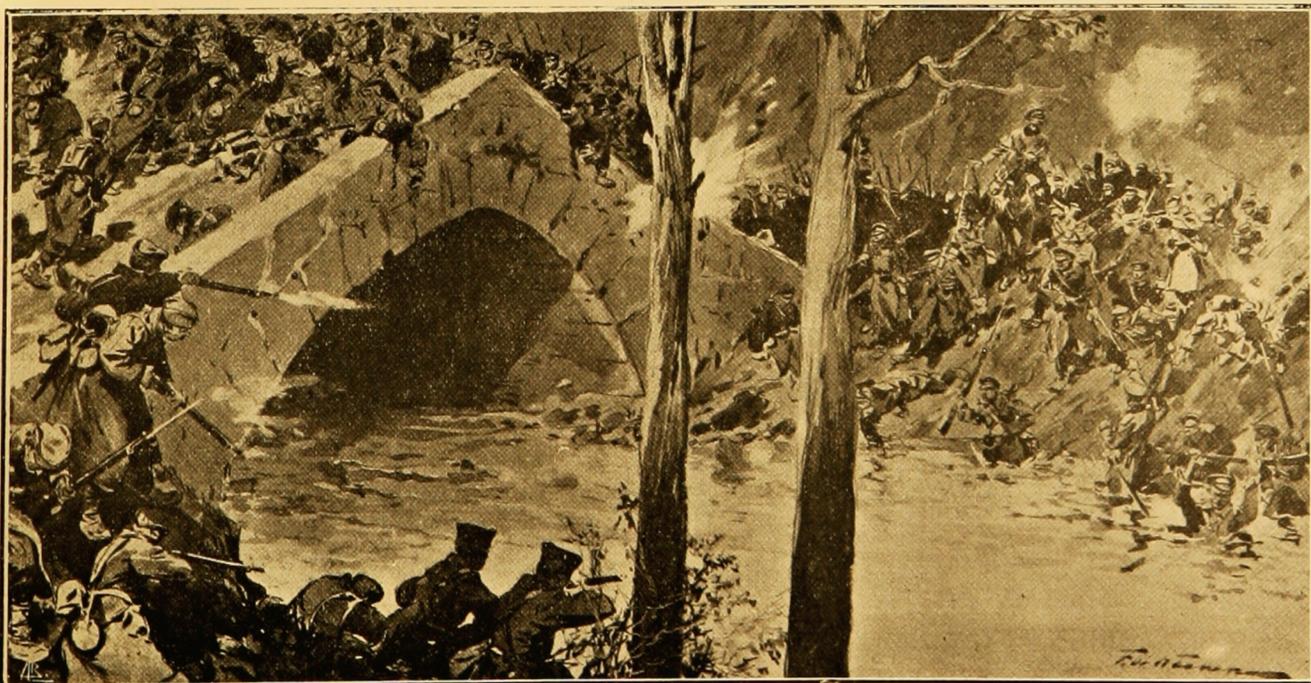


NA SERVIA—Os servios defendendo heroicamente

Na gravura acima, copia de um desenho, vê-se como o desenhista apresenta a heroicidade dos servios, pois o seu inimigo era superior em numero. E assim tem acontecido em todos os recontros. Os serbios são poucos e mal os vão auxiliar. E certamente a S



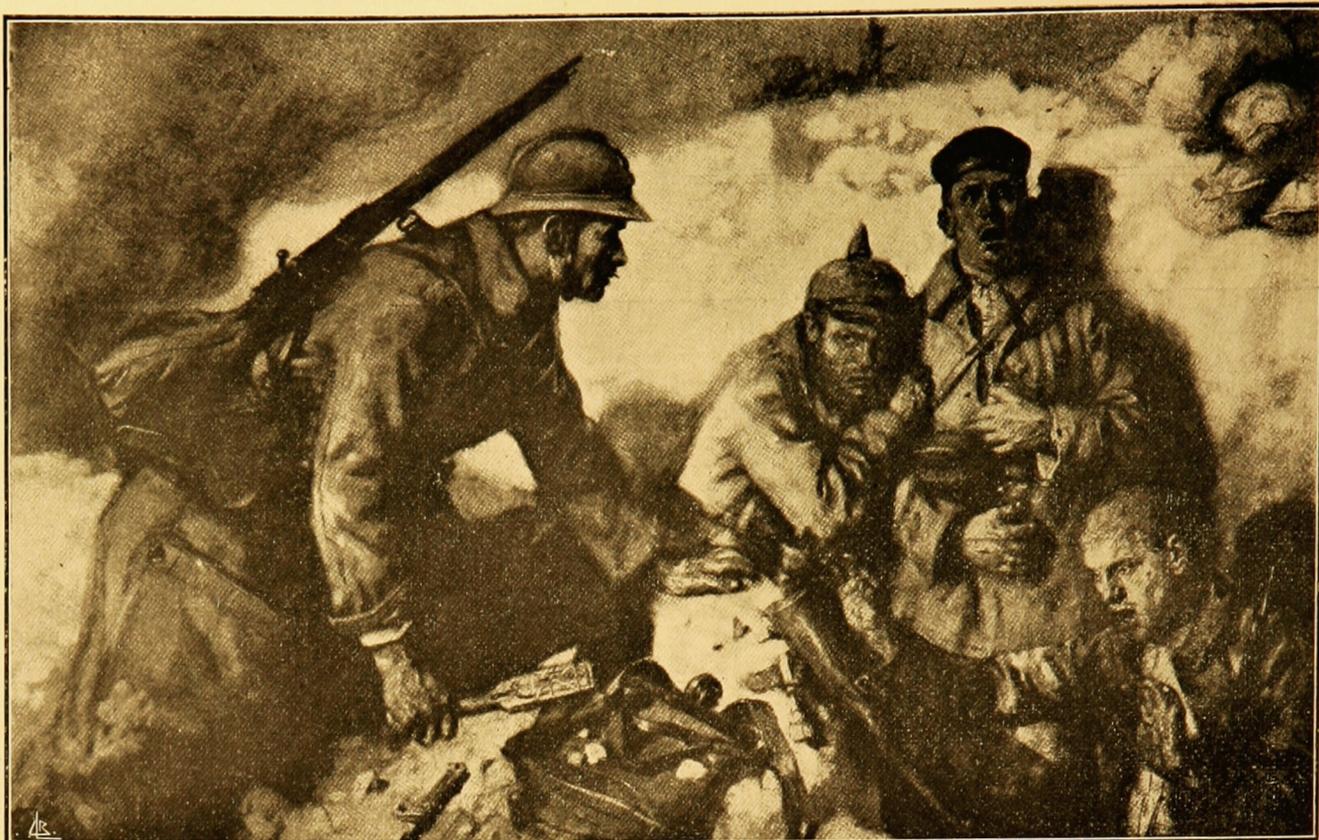
NOS BALKANS—Um regimento francez indo para Zeitenlik, proximo de Salonica, para ali se juntarem aos inglezes e irem auxiliar os pobres servics



o seu paiz, contra os invasores

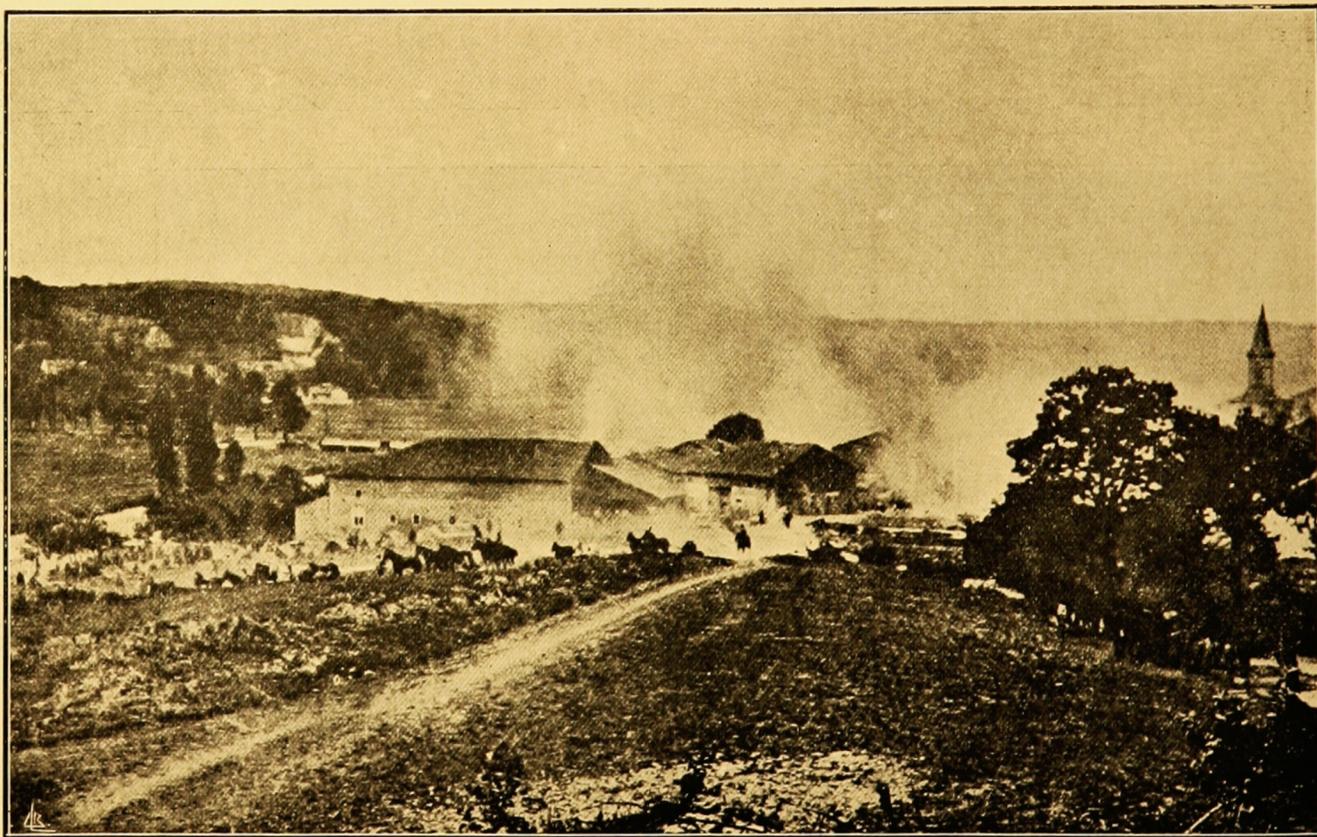
com que os servios defendem uma ponte. Mas foi em vão; aquella posição foi tomada, paiz já foi dividido em duas partes, pois os bulgaros já se uniram aos albanezes. Os alliados tarde será a segunda Belgica em sacrificio



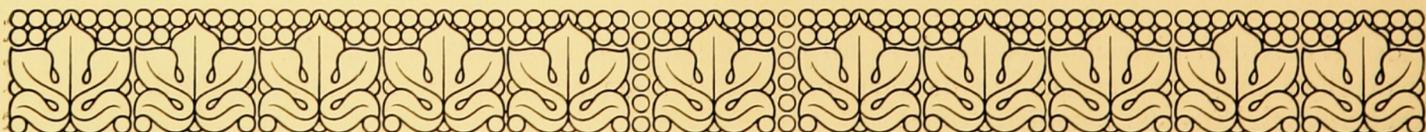


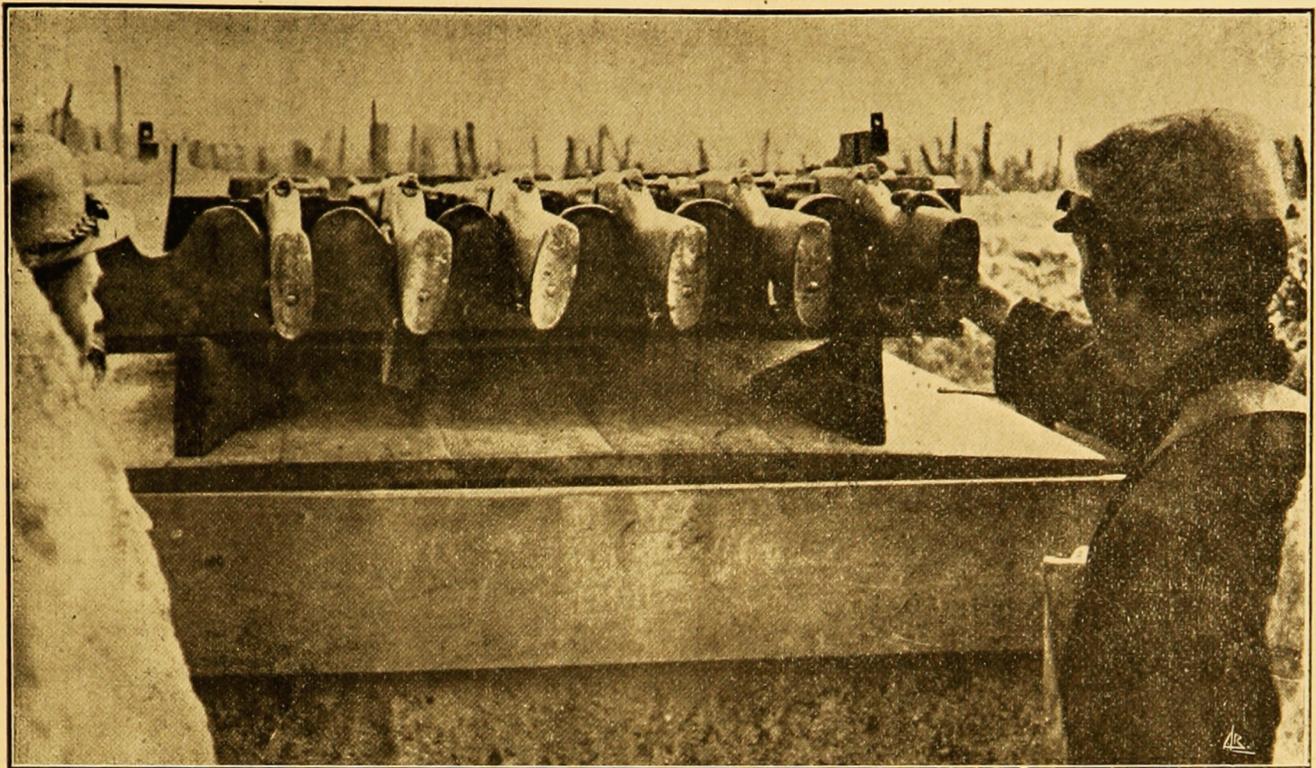
FRANÇA — Soldados allemães surpreendidos por um granadeiro francez nas trincheiras.

N'esta guerra atroz têm morrido milhares de soldados de todos os campos. Mas, a maior parte morre por causa do cansaço moral e physico. Na gravura acima vê-se o espanto pabelico com que trez soldados allemães recebem a voz de prisão de um granadeiro francez, sem a menor resistencia

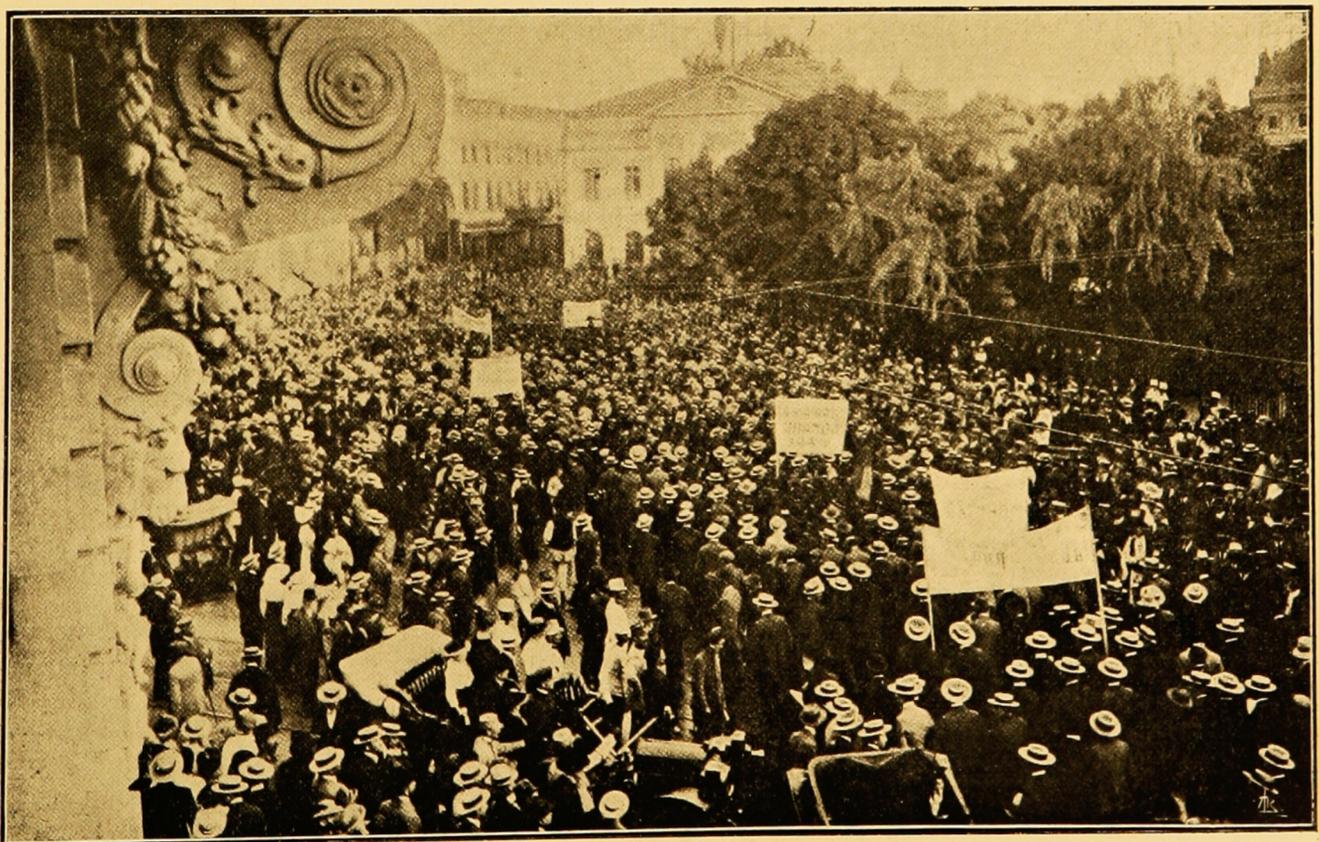
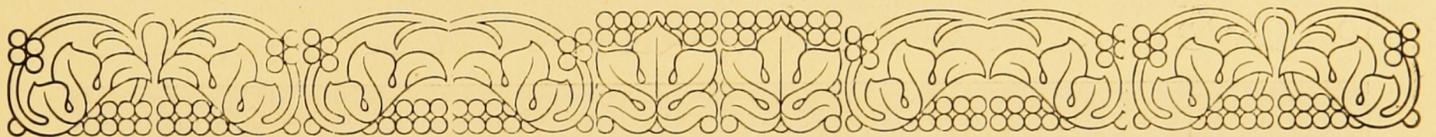


Um bombardeamento de uma aldeia pela artilharia

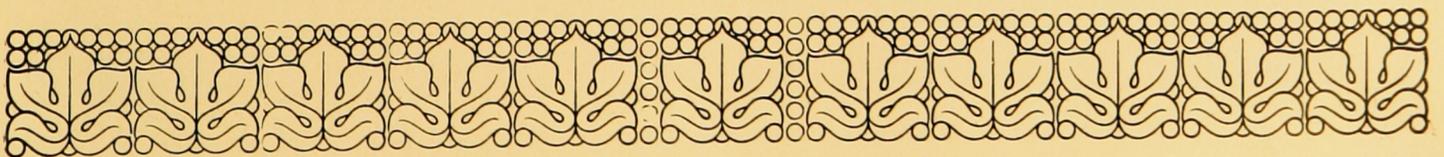


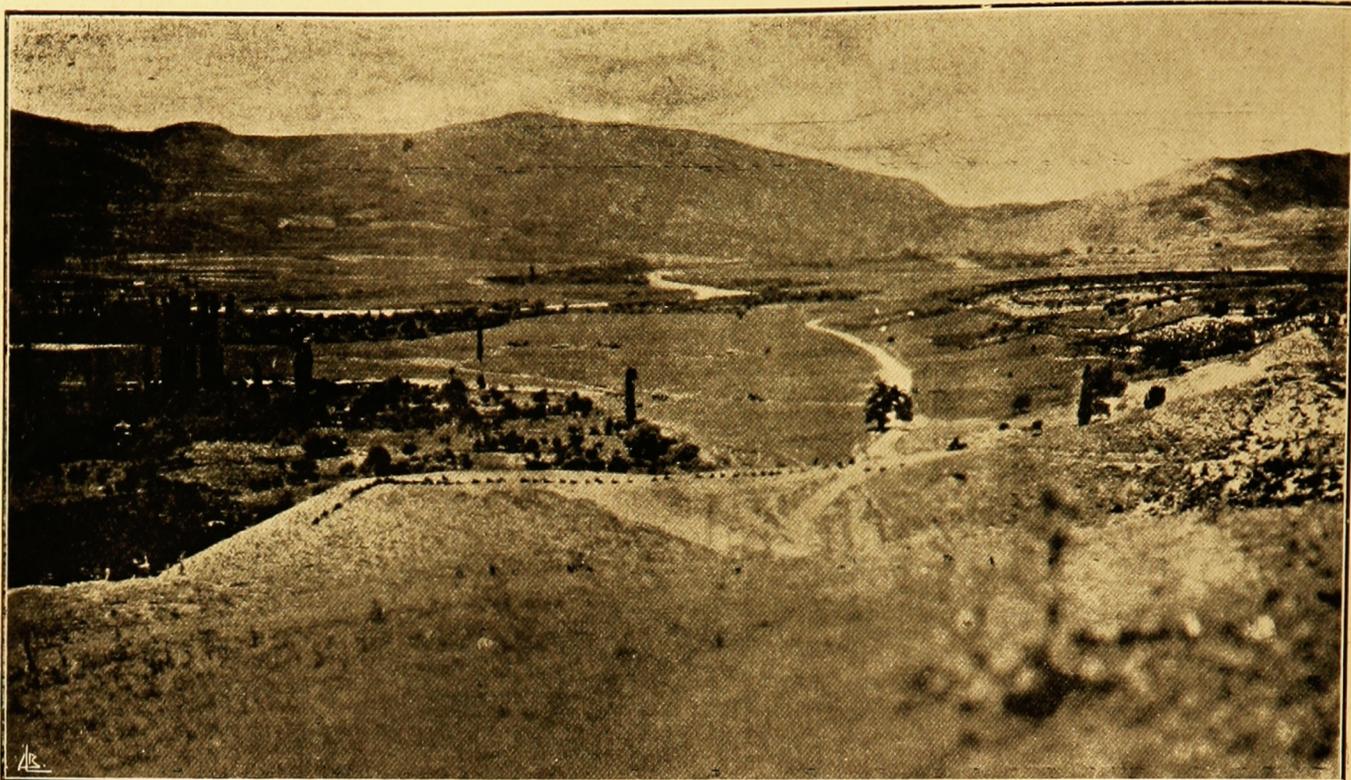


FRANÇA — Uma bateria improvisada com espingardas, e que segundo parece tem dado algum resultado. São seis armas postas em um cavallete de madeira, podendo um só soldado dispara-las sem o encommodo de as ter encostadas ao peito.

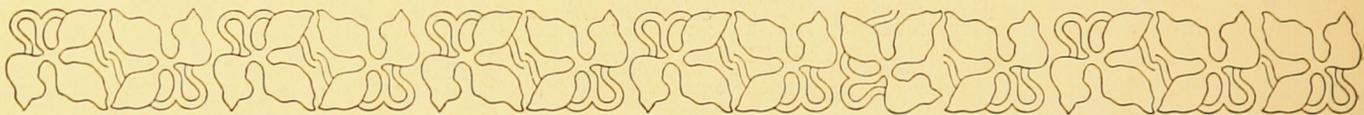


BUCAREST — Grande manifestação a favor da Entente percorrendo as ruas d'aquella capital.





A RETIRADA SERVIA
Uma posição enrincheirada n'um monte que domina as margens do Danubio.



VENEZA — *Decoração do tecto do templo de Santa Maria Dei Scalzi danificada por uma bomba lançada por um aeroplano austriaco*



MEMORIAM

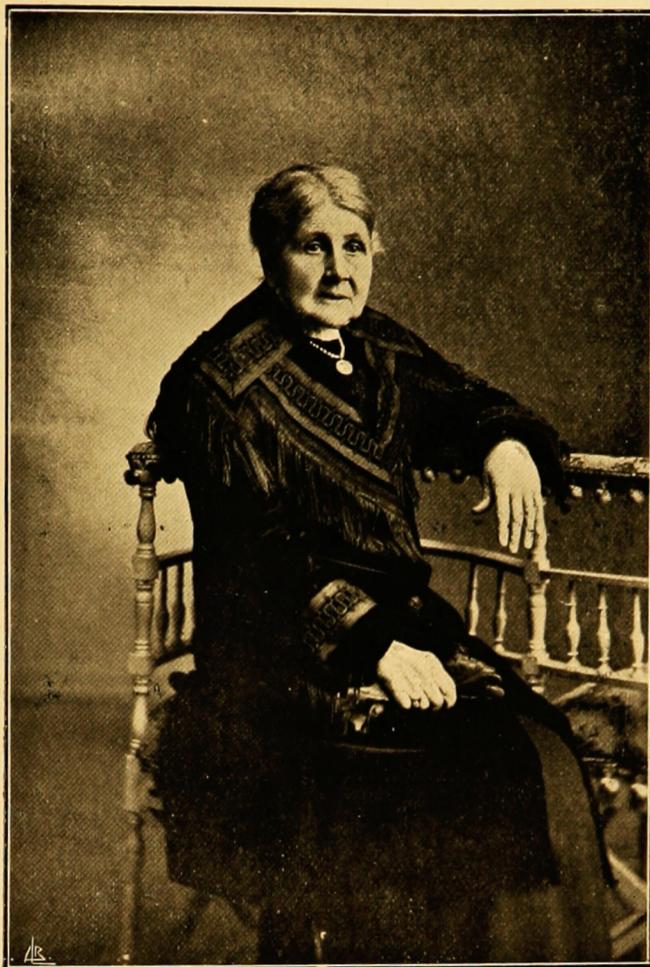
Abriu a sua mão para o necessitado, e estendeu os seus braços para o pobre (*Esriptura Sagrada*).

Não podemos calar a saudade do nosso coração magoado, na hora triste que acaba de soar com o passamento d'esta para melhor vida, d'uma das mais distinctas senhoras da velha aristocracia portugueza, a senhora D. Maria da Conceição Pereira da Silva Forjaz de Menezes em cujas veias girava sangue de fantos heroes e santos.

Soube ella durante a romagem pela terra ser um modelo de bondade e encarnar as virtudes da mulher forte d'aquella que o Evangelho nos diz ser mais preciosa que as perolas vindas dos confins da terra.

Nas torres da capella do seu velho solar da Pena, dobram os sinos a finados e os echos vão vibrando tristemente pelas quebradas das serras, enchendo de lagrimas os lares d'aquelles onde outr'ora entrava a luz benefica da sua mão bemfazeja.

Cobre-se de crepes o velho braço que se destaca no meio d'aquella fachada solarenga, assim como os corações dos pobres de quem era mãe carinhosa.



D. Maria da Conceição Pereira da Silva Forjaz de Menezes

Fallecida em 29 de outubro na vizinha cidade de Guimarães

Todo o bem ella o fizera sem ostentação nem alardo com o recato das almas simples que só procuram imitar o Divino Mestre.

A piedade coroava todos os actos da sua vida modelar e do amor intenso que ella consagrava a Deus, irradiava toda a belleza da sua alma peregrina.

Na doçura do olhar lia-se tanta bondade que trasbordando do coração espalhava-se em todas as acções da sua vida que foi longa através o exilio das almas santas mas que deixou um rasto luminoso como a *Via Lactea* em noites claras.

Grande na Fé, como os Cruzados seus ascendentes, ella o seria tambem no martyrio se do céu lh'o ordenassem.

Deixa saudades fundas na familia que a adorava e na sociedade da velha e mui nobre cidade de Guimarães onde ella era exemplo e incitamento.

Mas enquanto lagrimas amarissimas nos inundam os olhos, lá na Jerusalem celeste, vibram harpejos de alegria intensa á chegada d'aquella que tão bem soube trilhar o caminho que lá nos conduz.

Guimarães, dia de Finados 1915,

Maria Salomé.



Entrada da casa e capella da Pena, em S. Paio de Pouzada



BOM JESUS DO MONTE — Uma familia de Barcellos, que em cumprimento d'um voto veio ao Sameiro no dia 19-9-1915.



S. JERONYMO DE REAL — O Rev.^{mo} Snr. Arcebispo Primaz dirigindo-se debaixo do palio para a igreja parochial, onde Sua Ex.^a Rev.^{ma} ministrou a Sagrada Communhão e o sacramento do Crisma.



A ideia da morte e o preço da vida



E tudo aquillo foi pasto dos gladios, do saque das garras conquistadoras, da lingua serpejante do fogo purificador que o Deus do bem mandava lançar como um castigo pelas legiões da Persia aguerrida.

Ninguem alli dentro acordava ao estrépito das batalhas...

Quantas vezes tenho lembrado o quadro famoso, quando penso na guerra que veio pôr termo ao mundo dissolvente!

E hoje?

«Hoje, diz Charles Richet, que muitos milhões de homens estão, a cada hora, a cada minuto, em presença da morte, sempre ameaçadora, a morte parece bem uma peripecia banal... Em 1915, não só os soldados, mas também os que não estão expostos às ballas, as mães, os paes, as esposas, as noivas, os amigos formam dos perigos que correm os seus, uma ideia mais doce. Todos curvam a fronte sob a necessidade. Mas também comprehendem que a morte não é o mal supremo. A importancia das existencias humanas diminuiu.»

Tudo isto é verdade. Ha porém, observações a fazer. Richet dá a entender, ou antes, das suas palavras, podem alguns concluir que é aquella indiferença com que o fatuo mundo de antes da guerra encarava a morte, que é preciso ir ligar a diminuição do valor da vida na sociedade de hoje.

Não é assim. Aquella indiferença tem um fundo resaibo de amargura e de tristeza. O mundo que no prazer gastava a sua vida, quando a morte lhe apparecia, acceitava-a confrangido e revoltado, porque os gosos terrenos cifravam para elle todos os ideaes. Não tinha mesmo a serenidade do estoico. O estoico era austero. O *viveur* de hontem ignorava quasi a vida moral, dominado e exaltado pela sensibilidade. Não tinha por exemplo, aquella serenidade, aquella resignação calma dos condemnados á guilhotina no tempo do Terror, perante o irremediavel e o inevitall que a purulencia de costumes creara. O *viveur*, o *jovisseur* rir-se-hia de quem lhe recitasse em plena orgia aquelle admiravel dialogo de *Phédon*, entre Criton e Socrates:

Criton

Quels soins faudra-t'il prendre, ô maître, de ton corps?



ES o problema a levantar-se da massa pardacenta dos incendios e da mole horrenda dos cadaveres, na hecatombe sem par da guerra furibunda, como extranha planta de lucto que atrahisse inevitavelmente ao mesmo tempo, a luz funda dos nossos olhos tristes e a contensão do pensamento humano! Já uma vez aqui contei quão pouco e parco era hoje o valor da vida, reproduzindo uma carta de um soldado francez. Recordam-se?

Pois Charles Richet tractou ha pouco na *Revue des Deux Mondes* do terrivel problema da morte, ha treze mezes cada vez mais cantante e avassalante.

«Na Europa, diz elle, antes da guerra pelo menos, fazia-se da morte uma ideia sombria. Commumente ella era declarada o peor dos infortunios».

De facto era assim. A sociedade d'antes da guerra, que uma sensibilidade doentia exaltava, que um desejo esthesiante de goso desvairava a ponto de sonhar, como os orientaes, que a vida não acabaria nunca, porque era bella; essa sociedade que atirava ao enxurro das lubricidades infames os sentimentos e deveres religiosos, quando a ideia da morte lhe riscava macabra, algidamente na fronte a palavra suprema, não comprehendendo o além, não admittindo outra vida além d'aquella que levava em estupendos gosos sensuaes: começou de encarar indifferentemente a morte, como a fatalidade irremediavel, o terminar de um festim.

Não duvido que fosse capaz da morte de Petronio, mas também não duvido que tivesse o fim de Messalina...

Mas a guerra estalou. O leitor conhece aquelle maravilhoso quadro representando a entrada dos persas no palacio dos reis da Babilonia... O alto portão doirado cahiu por terra arrancando logo os reposteiros riquissimos.

A luz do sol e a do incendio da cidade invadida illuminam e devastam todo o salão vastissimo, todo o quadro de torpeza em ondas de oiro, do crime e da prostituição entre scintillações ascúantes. D'aqui, d'além, entre as longas *écharpes* do incenso e das essencias queimadas, ondulantes no ar morno, entre sombras cúmplices e fustigadas de luz, os guerreiros adustos da Persia castigadora veem surgir deslumbramentos d'arte e ao lado corpos poluídos e cansados, como larvas, brancos como o jasje e a face dos cadaveres.



Ainsi, mon cher Criton, malgré tous mes efforts,
Tu prétends que Socrates est cette chair instable:
Non! Non! le vrai Socrates, il est insaisissable.
Et, quand tu penseras le tenir en tes mains,
Socrates aura quitté le peuple des humains!

Não! aquella vida a vapor, aquellas an-
ceios soffregos de goso em que todo um mun-
do apodrecia, creando aberrações como a Stei-
nheil e M.^{me} Caillaux, ambas absolvidas dos
seus crimes! — tinha pela morte um desdem
feito de asco, não a acceitava, não queria se-
não *viver a sua vida...*

E como é bem diversa a attitude dos que
hoje soffrem a desolação material e moral da
guerra, deante da morte!

Richet diz bem quando affirma que a vida
tem menor importancia, mas não diz tudo. Se
é licito o paradoxo, eu diria antes que a vida
subiu de preço mas diminuiu de importancia.

O filho do grande Gladstone semanas an-
tes de cahir gloriosamente na trincheira, escre-
via a sua mãe estas palavras: «*Para que uma
vida seja bella, não é necessario que ella seja
longa, senão que ella seja bem cumprida e
cheia de boas acções.*»

E' precisamante assim a vida do soldado
de agora. A vida, para elle, só vale o sacrifi-
cio d'ella mesma pela Patria em perigo. Ha já
uma ideia dentro da vida — uma ideia que o
viveur abominava, como sempre os atidos aos
prazeres fugazes abominam os sacrificios, co-
mo os egoistas abominam as dedicações.

Morrer, portanto, nada custa. «Só se mor-
re uma vez! — bradava o polaco heroico. La-
grimas? Para quê? Não é motivo de alegria
morrer pela patria?»

La mort n'est rien.
Vive la tombe!
Quand le pays en sort vivant
En avant!

dizem os versos de Déroulède vincados no
bronze do leão de Belford.

E agora, vejam os leitores ainda que realce
não tem este sacrificio de morrer pela patria
quando a Religião o illumina. Torna-se mais
bello, e de uma significação mais completa.

Morrer pela patria é uma acção benemerita.
Mas todo o culto de valor tem o seu premio.
Será elle para o heroe a recordação e a home-
nagem dos vindouros e coevos? E' um premio
bem pequeno para tão grande sacrificio! A jus-
tiça dos homens é instavel. No mundo toda a
gloria é uma sombra... As dedicações são de-
pressa olvidadas. Aquelle sacrificio sublime tem
pois, um premio, além do mundo. E' o que lhe
confere o Deus justo dos heroes! Para o sol-
dado que morre, a vida só é bella pelo sacrifi-
cio e este só é grande quando a crença em
Deus o sobredoira!

... Eu recordo, ah! eu recordo aquelle mo-
ço d'Anglade que morreu a dizer, como rezan-
do; *eu amo a Deus, eu amo a França!*

F. D'ALMEIRIM.

FASTOS DO CATHOLICISMO

O Cardeal de Milão e a Italia

O cardeal Ferrari, arcebispo de Milão, pré-
gou na sua cathedral na festa da Natividade.
Depois de falalr da «Mãe de Jesus Christo»,
thema do seu discurso, o cardeal, segundo in-
forma o correspondente romano do *A B C*, te-
ria rematado com as seguintes palavras: «Ago-
ra, de um modo muito especial, lembremo-nos
de outra mãe: a Italia. N'estas horas, em que
a honra e a grandeza da patria pedem um tri-
buto de sangue a tantos dos nossos irmãos, é
preciso que nenhum falte ao seu dever de filho
piedoso. A patria pede-nos uma oração que lhe
assegura a grandeza da fé; uma oração implo-
rando a força e o valor para os que comba-
tem nos campos de batalha; uma oração solli-
citando o socorro para todas as necessidades,
inclusivamente na ordem material; uma oração
que apresse a aurora de uma paz ao mesmo
tempo honrosa e duradoira».

O citado correspondente attribue grande
importancia ás palavras do Cardeal, um dos
grandes mentores da opinião catholica italiana.

LIVROS NOVOS

Canticos d'Aldeia

«E' um livro da Natureza, e de uma verda-
deira inspiração modelar, como todas as coisas
grandes, naturaes e simples.»

Foi este um dos periodos com que Gomes
Leal elogiou o livro de Carlos Vaz Pinto.

Melhor apreciação não podia ter, pois Go-
mes Leal é um mestre e melhor do que nós
sabe apreciar.

Sociedade de Emigração de
S. Thomé e Principe

Recebemos o relatorio illustrado do 2.^o anno
(1914) que agradecemos.

Com elle pôde fazer-se bem, uma ideia clara
do desenvolvimento da agricultura e do com-
mercio em S. Thomé e Principe.